

## **Identidades, território e juventudes: a construção da imagem dos jovens do grande Bom Jardim**

### *Identité, territoire et le jeunesse: la construction de l'image de lajeune de legrand Bom Jardim*

Cláudia Maria Inácio Costa<sup>1</sup>. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade formada pela Universidade Estadual do Ceará. Professora do curso de Serviço Social da Faculdade do Vale do Jaguaribe, FVJ e pesquisadora colaboradora do Núcleo de Pesquisas Sociais – NUPES/UECE.

#### **RESUMO**

A proposta do artigo é refletir sobre as relações entre território, juventudes e identidades atribuídas e construídas. Essas relações se dão em um espaço universalista, que é a cidade, mas também imprime singularidades, visto que é formada pela reunião de diversos territórios. Nas trocas estabelecidas, é percebida, de forma transversal, a necessidade de construção de uma cidadania plural.

**Palavras-chave:** Juventude. Cidade. Cidadania. Território.

#### **RESUMÉ**

L'article proposé est de réfléchir sur la relation entre le territoire, assignés des identités et des jeunes et construit. Ces relations se donnent dans un espace universalist, qui est de la ville, mais aussi imprime des singularités, puisqu'il est formé par la réunion de plusieurs territoires. Dans les circonscriptions établies, est perçue, dans tous les domaines, la nécessité de construire une citoyenneté plurielle.

Mots clés: Jeunesse. Ville. Citoyenneté. Territoire.

#### **Identificando o território**

As questões acerca da relação entre cidade, território, cidadania e juventude me inquietam enquanto pesquisadora há algum tempo, mais precisamente quando do momento de investigação para a dissertação de mestrado, iniciado em 2010. O campo de estudo fora a região do grande Bom Jardim, em Fortaleza, que, além do bairro que lhe dá nome e fama, é composta por mais quatro bairros, quais sejam: Granja Portugal, Granja Lisboa, Canindezinho e Siqueira. Todos eles apresentam características semelhantes no que diz respeito à constituição territorial, populacional, história das lutas populares e dilemas sociais do cotidiano. Interessante foi a constatação de que as fronteiras entre os bairros, na prática, inexistem. Dependendo da proximidade (por exemplo: Bom Jardim, Granja Portugal e Granja Lisboa são bem próximos) as pessoas não reconhecem o bairro, mas o *território* que vivem. Muito presente nos discursos proferidos nas conversas com moradores durante minha incursão no campo de estudo, é o fato de que as pessoas desses quatro bairros vizinhos reconhecem-se como pertencentes ao *Bom Jardim*.

Historicizando um pouco a constituição desse ou desses espaços territoriais, podemos compreender *o porquê* desta noção de *território*. A ideia de território com a qual trabalho diz respeito às representações simbólicas que distinguem o indivíduo socialmente, o que implica no modo de ver o outro e na sua convivência espaço-

<sup>1</sup>Autora correspondente. Artigo recebido 17 de março de 2014. Aprovado em 30 de abril de 2014.

Avaliado pelo sistema *double blind review*.

territorial. Neste sentido, se torna importante salientar a força da representação da constituição da história de cada território na formação social e cultural de cada sujeito.

O que faz a região não é o espaço, mas o tempo, o traçado das relações de forças no tempo, ou seja, a história. Até mesmo as “paisagens” ou os “solos”, tão caros aos geógrafos, não passam de heranças, isto é, produtos históricos de determinantes sociais. (ALMEIDA; FERREIRA, 2008, p. 124).

Dessa constituição histórica e social nascerão as imagens e representações produzidas social e individualmente dos sujeitos e do seu território. Esta imagem será a identidade atribuída ao lugar e aos seus. Em sua *Lufa-lufa quotidiana*, José Machado Pais (2010, p. 103) coloca que “(...) a afirmação do eu não significa apenas um *conhecimento de si* próprio, mas um *reconhecimento* de si por parte dos outros”. Esse *reconhecimento* de si pelos outros, no território aqui estudado, se dá a partir - dentre outros fatores - da construção da história do território.

O grande Bom Jardim tem sua formação iniciada em meados da década de 1970, quando da ocupação dos antigos sítios que ali se localizavam. Talvez o fato de ser uma área bem afastada do centro da cidade (Fortaleza) e dos bairros mais tradicionais, tenha feito deste território e seus sujeitos, durante muito tempo, atores invisíveis para a cidade. Era um espaço rural, como já dito, composto por sítios e uma ampla área verde que começou a ser vendida a partir da década de 1950 (PAIVA, 2008).

Muitos destes imóveis foram comprados pela Caixa Econômica Federal, que construiu casas a preços populares, com o objetivo de atender às novas demandas populacionais da cidade de Fortaleza, enquanto outros foram adquiridos por imobiliárias e por pessoas com interesse em construir seu imóvel em uma região que, segundo os moradores antigos, era muito calma e tranquila. (PAIVA, 2008, p. 234).

A partir da década de 1970 inicia-se de forma mais intensa o povoamento e se massificam, também, as ocupações irregulares, que podem ser observadas até hoje nesta região, junto a ela observamos a degradação do verde local, que deu origem ao nome. O que percebemos hoje é um emaranhado de concreto, somado ao asfalto (onde existe) e/ou o calçamento desordenado. Importante registrar que esse processo de construção do território é marcado por um forte movimento de participação popular, que no início tinha na luta pelo direito à moradia sua grande bandeira.

A constituição do GBJ se deu pela busca por espaço de pertencimento em um território maior, a cidade. Esta se apresenta como o palco para a construção e efetivação da cidadania e seus direitos. Sua estruturação permite que a garantia dos direitos assegurados ao cidadão sejam ou não cumpridos. É nela que habitam os grupos e as estruturas que permitem as divergências necessárias à sociabilidade. É a diversidade que emana das relações humanas que deve ser trabalhada, respeitada e usada para a construção de um habitat que pertença a todos.

O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como um *direito à vida urbana*, transformada, renovada. (...) “o urbano”, lugar de encontro, prioridade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontra sua base morfológica, sua realização prático-sensível. (LEFEBVRE, 2001, p. 117 e 118).

As relações construídas no espaço da cidade são reflexos e/ou refletem a evolução da garantia da cidadania. Esta, comumente tem sido relacionada a uma visão de universalidade (PAIS, 2010), porém, levando em consideração toda a construção

histórica do território apresentado aqui, como universalizar individualidade, impessoalidades? O ideal de cidadania se faz na busca pela igualdade ou no reconhecimento da diferença?

### **As imagens das juventudes e o território**

Para tentar discutir sobre essas reflexões sob uma ótica mais concreta, será feita a relação entre território, cidade e juventudes – sujeito social composto de particularidades ao mesmo tempo universal e individual. Mas não se trata de qualquer juventude, mas das juventudes encontradas e observadas durante os momentos de inserção em campo na elaboração do trabalho dissertativa que deu origem a este artigo, as juventudes do grande Bom Jardim.

Assim como a constituição do espaço em que vivem, os jovens e as imagens de juventude são construídos sob a ótica de identidades atribuídas e reconhecidas por e entre si. A ideia de juventude aqui não está fechada na questão dos recortes etários, mas em um conjunto de símbolos, significados sociais que, constantemente, percorrem idas e vindas entre o universal e o particular.

Universal no sentido de atribuir ao fato juventude como algo que, no imaginário comum, pertence ao ser humano em uma dada fase de sua vida; ela se torna particular quando observamos que esta fase não se apresenta da mesma forma para todo indivíduo ou simplesmente não se apresenta. Esse ir e vir entre o particular e o universal nos leva a outro caminho, o da concepção pluralista do que seja juventude. E assim como o conceito moderno de cidadania, as juventudes se constroem no reconhecimento das diversidades.

No contexto urbano, as identidades das juventudes, estarão de alguma forma, atrelado à identidade das estratificações de territórios que compõem a cidade. Nas ciências sociais há vastos estudos que relacionam grupos juvenis e espaços urbanos, que tencionam a uma análise da construção de identidades construídas pelas juventudes e atribuídas pela sociedade. Essas identidades são socialmente ritualizadas (PAIS, 2010) e tanto podem expressar-se pelo corpo, como pela fala e pela participação na vida social da comunidade.

No caso dos jovens do grande Bom Jardim, entre outras ritualizações, saltou aos olhos a questão das expressões corporais através das roupas, gestos e posturas diante do seu território. Esses rituais como já foram falado, agregam sentido à identidade e são entendidos como:

(...) marcas individuais sem deixarem de ser grupais. Elas individualizam os corpos marcados mas também demarcam, originando uma diversidade de filiações grupais (Haenfler, 2004), modos diversos de fazer falar o corpo, de multiplicar a sua capacidade lingüística. Elas reclamam formas de participação e disputa baseadas na relevância do corpo e do controle sobre o mesmo. (PAIS, 2010, p.125).

As blusas *Billabong*, os shorts e saias de veludo *Maresia* e as sandálias *Kenner* (marcas extremamente usadas e cultuadas pelos jovens entrevistados), demarcam, mais que valor à sua identidade, mas uma forma de participação, como apresentado por Pais. Participação pelo consumo. Desta forma, o ato de consumir do jovem de um território periférico, no caso o grande Bom Jardim, expressa muito mais que uma identidade individual e coletiva. O consumo é meio pelo qual o jovem se percebe partícipe da dinâmica da cidade e que universaliza o seu território. É o meio pelo qual há o *reconhecimento de si* e, principalmente, o reconhecimento por parte de seus pares e a sociedade como um todo. É uma forma de dizer: “eu existo, eu faço parte”.

O processo de formação do território onde vivem esses jovens se mostrou excludente desde o princípio quando do afastamento geográfico do centro das relações típicas da cidade de Fortaleza. A constituição da urbanidade do território do grande Bom Jardim se deu a partir da luta pelo reconhecimento desse lugar pela cidade, incluindo-o, como outros territórios, no processo dinâmico de acesso aos direitos sociais básicos que constituem a vida do cidadão nas cidades.

Sendo assim, o que o *território* nos mostra ser hoje não é um fato isolado no tempo, ao contrário, é reflexo do desenvolvimento das relações sociais construídas ao longo de sua história. E o direito de pertencer à cidade, expressa através dos movimentos sociais históricos do grande Bom Jardim, pode ser percebido, também, nos estilos e imagens dos seus jovens.

As percepções não são das mais acolhedoras, visto que o processo de exclusão resultou na construção de uma imagem pejorativa do território e disseminada nos discursos cotidianos da cidade de Fortaleza. O *look* apreciado pelos jovens do GBJ é visto pelo restante da cidade como *estilo do marginal*, contribuindo para a disseminação de ideias comuns relacionadas ao mundo jovem, como a de “juventude como problema social”.

De acordo com Groppo (2000), a juventude é uma concepção, criação ou representação simbólica, produzida por grupos sociais ou pela própria juventude para dar significados a uma série de comportamentos e atitudes. Categorizá-la como “problema” convencionou-se por esta ser uma categoria que não se encaixa em modelos prontos ou convenções comportamentais. Porém, colaborar com o discurso imposto sobre a juventude do grande Bom Jardim como “juventude problema” ou “juventude marginal” é negar a histórica exclusão de constituição do território e, ainda constante, negação dos direitos sociais básicos às relações sociais na cidade.

Desta forma, mais uma vez apontamos a desigualdade de condições como marca de inserção desses jovens na sociedade, seja no acesso à escola, ou ao emprego, ou mesmo o acesso ao consumo de bens culturais (DAYRELL, 2001). As fronteiras que se constroem nos territórios de uma cidade são referenciados pela desigualdade de acessos. Isso acaba por limitar não só a perspectiva de uma educação plena e de qualidade, mas toda e qualquer participação na vida ativa enquanto cidadão. (COSTA, 2012, p. 39).

Entramos aqui na reflexão sobre o reconhecimento dessas juventudes como cidadãos da cidade. Ao tratarmos de cidadania logo a ligamos a questões relativas ao direito, ao dever e à democracia. Damos, assim, um caráter universal no que diz respeito ao direito de ser cidadão, pois o conceito de democracia implica igualdade de direitos e participação irrestritos. O lugar de concretização desses direitos é a cidade, nas suas múltiplas formas de manifestar as relações sociais construídas em seu cotidiano.

### **O jovem consumidor e a periferia “marginal”**

As imagens produzidas pelas juventudes serão reflexo das suas condições de existência, em especial a sua pluralidade. Além de dar a sensação de pertencimento à cidade e se fazer conhecer por ela, o consumo será também meio pelo qual se entrará no mundo da cidadania. Aqui o acesso aos direitos sociais será substituído pela dinâmica do consumo imposto pela sociedade do capital.

Durante a pesquisa de campo, por várias vezes pude observar e conversar com os jovens a respeito de suas roupas e suas preferências de estilo. Os *shorts de veludo Maresia* ou as saias, para as meninas, eram como troféus empunhados por eles. À época pude indagar sobre o preço de uma saia, a original, R\$180, pagos por uma jovem em algumas parcelas no cartão do irmão. Um absurdo, muitos leitores dirão, mas qual o

problema de saciar os desejos de ficar no estilo *rochedo* e sentir-se parte da turma? Esse tipo de desejo só seria realizado uma vez por ano, no resto seriam os modelos “piratas” vendidos nas feiras que acontecem nos bairros.

As aquisições são feitas em nome do consumo e necessidade de “fazer parte”. O consumo acaba também dimensionando as formas estéticas de lazer nos espaços urbanos desse território, sendo essa estética do lazer uma forma de sociabilidade desses jovens. Essa breve reflexão sobre algumas imagens dos jovens de um território específico não tem a intenção de se sobrepor a outras questões postas sobre a construção da sua cidadania, muito menos justificar qualquer ação desses grupos juvenis. A intenção é refletir sobre as várias imagens construídas sobre as juventudes e como a constituição e integrações urbanas dos territórios que compõem as cidades interferem nas identidades e imagens atribuídas pela sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira; XAVIER, Natália Pinheiro. **Juventude e Segurança:** a política de pacificação. O Público e o Privado, Fortaleza, ano 2, n. 4, p.125-139, jul./dez. 2004.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; FREITAS, Geovani Jacó de. et al. (org.). **Fortaleza e suas tramas:** olhares sobre a Cidade. Fortaleza: EdUECE, 2008.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BARREIRA, César (coord.) **Ligado na galera.** Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO, 1999.

\_\_\_\_\_, César; BARREIRA, Irllys (Orgs). **A juventude e suas expressões plurais.** Fortaleza, Edições UFC, 2009.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos.** Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COSTA, Cláudia Maria Inácio. **As construções da cidadania:** juventudes e suas percepções sobre o território do Grande Bom Jardim – Fortaleza. 2012.85 p. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Sociedade – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, p.40-53, set./out./nov./dez. 2003.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Coleção Enfoques. Sociologia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa cotidiana:** ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa, ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2010.